

O diálogo evangelho-cultura na experiência missionária de Paulo

The Gospel-Culture Dialogue in Paul's Missionary Experience

Tânia Couto Maia
Faculdade Católica de Fortaleza, Brasil

Resumo

A proposta deste artigo é trazer à memória da comunidade cristã de hoje, o incomparável legado que Paulo deixou para a missão evangelizadora da Igreja no contexto em que se dá a transição da Boa Nova de Jesus ao superar as fronteiras entre judeus e gentios inaugurando uma realidade nova. Trata de fazer um percurso na ação missionária de Paulo ao enfrentar as questões de integração cultural na construção das primeiras comunidades cristãs em nações pagãs, a fim de que possam ajudar a responder aos desafios atuais da evangelização.

Abstract

This article aims to bring to the memory of today's Christian community the incomparable legacy that Paul left for the evangelizing mission of the Church in the context of which the transition of the Good News of Jesus transcending the boundaries between Jews and Gentiles inaugurating a new reality takes place. It is a question of making a journey in Paul's missionary action by facing the questions of cultural integration in the construction of the first Christian communities in pagan nations, so that they may help to respond to the current challenges of evangelization.

Palavras-chave

Evangelização.
Cultura.
Missão.
Mundo urbano.
Igreja.

Keywords

Evangelization.
Culture.
Mission. Urban
world. Church.

Introdução

“Quem quer que releia no Novo Testamento as origens da Igreja e queira acompanhar passo a passo a sua história e, enfim, a encare a viver e a agir, verá que ela se acha vinculada à evangelização naquilo que ela tem de mais íntimo” (EN 15).

Relendo a citação acima, da Exortação Apostólica pós-Sinodal *Evangelii Nuntiandi*, salta aos olhos que a evangelização é um tema de grande relevo e sempre atual para a Igreja que vive da consciência do mandato: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos...” (Mt 28,19). Com Jesus começa um período marcado pela evangelização que há de continuar até o advento final de Cristo. A boa notícia de Jesus, segundo Mateus, é esta: “Eis que estou convosco todos os dias até o fim dos tempos” (28,20). Portanto, o objeto do Evangelho é o anúncio de que estamos, continuamente, em qualquer contexto cultural, numa era de evangelização ou da transmissão dessa missão aos discípulos, que, também, são revestidos da mesma missão: no meio dos discípulos, Jesus ensina todos os povos (COMBLIN, 2002, p. 8). A preocupação da presença do Evangelho no mundo é, pois, a missão da Igreja, sua razão de ser.

Se é a evangelização que deverá definir e caracterizar a Igreja, certamente, há que se tomar consciência do difícil problema de exprimir em outras culturas um Evangelho expresso em outro horizonte cultural. “A Igreja tem, portanto, diante dos olhos o mundo dos homens, ou seja, toda a família humana, com todas as realidades no meio das quais vive [...]” (GS § 2). Sendo a cultura a maneira mais apropriada de completar o ser humano, iluminando-o e guiando-o em sua existência, oferecendo-lhe padrões de comportamento e de práticas, transmitindo-lhe as riquezas das gerações passadas e abrindo-lhe expectativas para o futuro (MIRANDA, 2001, p. 15-16), ela se apresenta como a via por excelência para os que anunciam a esperança maior que eleva a humanidade.

Consequentemente, a evangelização é desafiada a assumir a realidade humana em toda sua complexidade. O mundo da cultura e o mundo eclesial

Fronteiras, Recife, v. 3, n. 1, p. 93-118, jan./jun., 2020

não podem correr paralelos, uma vez que a concepção de cultura implica todo o acervo dos conhecimentos humanos concernentes ao homem, à natureza, à sociedade e que se busca preservar e transmitir (MIRANDA, 2001, p. 44). Nesta perspectiva humanista, uma linguagem baseada num mundo cultural determinado deve saber narrar a experiência de Jesus e dos que acolheram seu testemunho. O evangelizador, de um lado, encontra-se, por isso, desafiado pela tarefa de ser fiel à Palavra de Deus, e de outro, de falar à mentalidade de um homem dentro de um novo contexto do Evangelho (LIBÂNIO, 1979, p. 4). No “fazei que todas as nações se tornem discípulos” está a confirmação de que o Evangelho deve ser universal no tempo e no espaço.

O que torna a comunicação do Evangelho difícil entre os homens é, justamente, o fato de que o missionário, em sua grande maioria, não pertence ao universo cultural de seu interlocutor, possibilitando que cada pessoa interpreta a mensagem missionária dentro de sua visão do universo, e dentro dos projetos e dos interesses próprios (cf. At 17). Deste modo, urge fazer com que a palavra de Jesus possa alcançar o homem na sua intimidade, na sua autenticidade, o homem concreto. Pois em toda essa situação existe uma questão fundamental de interpretação, de compreensão da mensagem evangélica. Como resolver este problema hermenêutico? - A Igreja é quem faz incessantemente essa mediação, essa tradução. Ora, o que uma geração transmite a outra não é primeiramente doutrina, mas a fé viva em Jesus Cristo como salvador. Segundo Comblin (1980, p. 25), “a transmissão consiste numa operação de reinvenção da mensagem de tal modo que ela possa efetivamente dar a conhecer a substância da mensagem de Deus. [...]. A mensagem é peregrina, consistindo numa operação de tradução incessante. O que faz a mensagem é justamente esse movimento pelo qual os missionários se esforçam por transmiti-la vitalmente”. Porém, ela não pode prescindir da linguagem do contexto que determina o que o fiel entende por sentido, plenitude e salvação¹.

¹ A linguagem é um dos fenômenos mais fragmentários da espécie humana. O que se pode traduzir é aquela relação especial entre diferentes significantes e um significado comum que

Fronteiras, Recife, v. 3, n. 1, p. 93-118, jan./jun., 2020

Como o cristianismo não se originou em um vácuo histórico e cultural-religioso, mas esteve sempre contextualizado, proponho, neste artigo, à luz da experiência missionária de Paulo², refletir sua teologia que põe os fundamentos do universalismo no contexto do qual se dá a transição da Boa Nova de Jesus, que supera as fronteiras entre judeus e gentios, inaugurando uma realidade nova. As questões de integração cultural enfrentadas para se construir uma comunidade nova em Cristo, na qual todos pudessem se integrar, exigiram de Paulo um engajamento radical (2Cor 11,23-38) que nos provoca, até hoje, a imitá-lo na paixão pelo Evangelho (1Cor 9,22). Este artigo, essencialmente, visa a trazer à memória da comunidade cristã de hoje, especialmente aos chamados a evangelizar, o incomparável legado que Paulo deixou para a missão evangelizadora, cujas repercussões práticas, se manifestam na sociedade contemporânea, no modo como se proclama a Verdade do Evangelho.

Paulo e o desafio de construir uma comunidade religiosa multicultural

A pessoa de Paulo emerge no cenário de uma sinagoga dos Libertos em Jerusalém (cf. At 6,8-9), à qual pertenciam judeus helenistas cireneus e alexandrinos, da Cilícia (Tarso, lugar de nascimento de Paulo, era a mais importante cidade desta província)³, e da Ásia, que entraram em discussão com Estevão que proclamava a fé na entronização do “Filho do Homem à direita de Deus”, resultando em processo no Sinédrio, condenação e lapidação (cf. At 6,8-15; 7,55-58a). Após o apedrejamento de Estevão as testemunhas

é conhecido como o sentido. Cf. NORTHROP FRYE, *O Código dos Códigos*, São Paulo: Boitempo, 2004, p. 26.

² No *Corpus Paulinum* dispomos de um conjunto de sete cartas de Paulo, cuja autenticidade não é discutível e, somente a elas, farei referências. Elas formam a mais sólida base para definir a personalidade e a mensagem do apóstolo. A Bíblia é a de Jerusalém, 2012.

³ Tarso, a capital da Cilícia, era considerada um centro da filosofia estoica, e o líder da escola estoica, por volta de 140 a.C era Antípater de Tarso. Cidade de vida econômica e cultural florescente. Cf. SCHNELLE, U. *Paulo vida e pensamento*. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2010, p. 64.

depuseram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo (At 7,58b) ⁴.

A cidade de Antioquia da Síria, à margem do Orontes, ao acolher os judeus helenistas⁵ da sinagoga dos Libertos⁶, expulsos de Jerusalém, que aí se instalaram, tornou-se uma cidade de importância capital no início do cristianismo (cf. At 11,19). E Paulo partiu, via Damasco, em busca de encontrá-los e trazê-los para também serem julgados em Jerusalém. O que acontece durante esta perseguição provoca a agitação que dá novo rumo à existência de Paulo (COMBLIN, 1993, p. 35). O acontecimento no ‘caminho’ de Damasco foi, particularmente, fecundo para seu pensamento em geral e para sua visão das coisas. O momento preciso que determinou o “caminho” de sua vida. Podemos dizer, com Romano Penna (2011, p. 387), que foi “o caminho” e não uma cela de convento ou uma cátedra universitária que, literalmente causou uma reviravolta em sua *forma de pensar* e verdadeiramente “zerou” todas as suas categorias mentais.

A teologia de Paulo foi influenciada acima de tudo pela “Experiência de Damasco” e pela fé no Cristo ressuscitado como Filho de Deus (Gl 1,13). Paulo fala daquela experiência como de uma revelação do Filho pelo Pai (Gl 1,16), na qual viu o Senhor Jesus (1Cor 9,1; 15,8; 2Cor 4,6) que o transformou de fariseu no primeiro teólogo cristão (Fl 3,12). A sua formação farisaica garantiu sua familiaridade com a Escritura e a Tradição (HEYER, 2008, p. 57). Cristo foi a luz que expulsou suas trevas e lhe iluminou as Escrituras, tornando-se a chave para entender o desígnio de Deus para a humanidade e, na verdade, para entender o próprio Deus. Este encontro com Cristo inverteu todo o seu sistema de valores e, conhecer Cristo, tornou-se sua suprema paixão (Fl 3,10).

A Revelação de Damasco o marcou com o pensamento da unidade da ação divina na salvação de todos os homens, acentuando as continuidades

⁴ O livro dos Atos até 13,9 o chama com o nome semita de Saulo e, daí em diante, com o grego de Paulo. Diz que ele frequentou a Escola de Gamaliel, sendo educado em Jerusalém (At 22,3). Ele também enfatiza sua dupla raiz em Gl 2,15; Fl 3,5; Gl 1,13-14; Rm 11,1b. Em At 21,40 fala aos judeus em Jerusalém em hebraico, isto é, Aramaico (pois o hebraico já não era mais falado). Fariseu (Gl, 14; At 23,6). Porém, em At 22,25-29, Paulo se defende dizendo-se possuir o título de cidadão romano. E se não o possuísse como teria reivindicado sua transferência para Roma?

⁵ Estes judeus helenistas são os mesmos de Atos 6,1-6 convertidos à fé em Jesus como o Cristo que entraram em conflito com os originários da Palestina.

⁶ Seria Paulo o rabino desta sinagoga?

entre a nova vida em Cristo e a conduta de Deus com seu povo, os judeus: chamou-a de Antiga e Nova Aliança (2Cor 3,6. 14). O Pai, que lhe revelara o seu Filho, é o mesmo a quem sempre servira. Era o criador, o Senhor da História, que cumprira sua promessa (COMBLIN, 1993, p. 82-86). O seu compromisso com o único Deus não se modificou⁷, mas o obrigou a reestruturar sua própria visão, a da Lei e do mundo, ao fazer a descoberta fundamental de que o Espírito de Deus age, de novo, depois da ressurreição de Jesus. Na sua lógica de rabino, Paulo viu Cristo transformar a maldição da lei em bênção, tornando-a meio de libertar os homens de sua maldição. A cruz, pedra de escândalo, tornou-se, para ele, o Poder e a Sabedoria de Deus (1Cor 1,18).

A consequência primeira foi uma mudança radical no conceito de Deus, ou mais exatamente, no conceito de justiça de Deus (COMBLIN, 1993, p. 89 e 96). Experimentou que a justiça de Deus é uma força que traz liberdade e filiação aos fracos, aos inimigos, assim, como Jesus considerou que sua missão era junto aos pobres e aos doentes (Mc 2,17; Lc 4,16s) (RICHES, 1995, p. 54). Deu-lhe nova visão da história da salvação. Antes era de Adão a Moisés (o tempo da Lei), agora, de Moisés ao Messias (O tempo messiânico). A era messiânica já tinha começado e apareceu uma nova perspectiva em sua visão da história da salvação: O *eschaton* já começara apesar de um estágio posterior e definitivo ainda estar por vir, esperado num futuro não muito longínquo. A visão lhe ensinara que o Ungido já tinha vindo, que Ele era Jesus, que foi entregue por nossos pecados, e ressurgiu para nossa justificação (Rm 4,25). Ensinou-lhe o valor soteriológico e vicário da Morte e Ressurreição de Jesus, o Messias (Gl 2,20). Paulo compreendia que estava numa dupla situação (com todos os cristãos): por um lado, podia olhar para a morte e ressurreição de Jesus como para a inauguração de uma nova era e, por outro, ainda esperava sua futura glória, a glória do Messias, “Senhor da glória” crucificado como o Messias exaltado (Gl 3,1). A revelação deu a Paulo uma inefável compreensão do mistério de Cristo, preparando-o para moldar seu Evangelho e pregá-lo numa forma que era tipicamente sua.

⁷ Paulo nunca se diz convertido, mas chamado por Deus.

A primeira missão destinada a proclamar a Boa Nova de Jesus Cristo, fora da Judeia, narrada pelo Livro dos Atos (cf. At 13,1-3), foi de iniciativa de judeus helenistas, que encontraram um terreno fértil na cidade de Antioquia da Síria. Cidade com instituições estáveis, em paz e próspera, na qual havia uma colônia judaica muito ativa. Os helenistas aproveitaram a oportunidade fazendo nascer a primeira comunidade religiosa que colocava juntos judeus e não judeus. Paulo foi catequisado, provavelmente, na Igreja de Antioquia, da qual recebeu o querigma, essencialmente teo-lógico, que tem por objetivo a conversão, a redução à “obediência da fé” no verdadeiro Deus de toda a gente (Is 45,14; Dn 2,43; Zc 8,23 textos que são retomados em 1Ts 1,9-10; 1Cor 14,24-25; Rm 1,5; 15,26) (PESCE, 1996, p. 24)⁸.

A interpretação paulina do querigma está estritamente ligada à hermenêutica da Escritura e ou à história de Abraão que a Escritura narra (cf. Rm 4; 9-11). A revelação ensinara a Paulo que o *eschaton* se fez história em Jesus morto e ressuscitado, rompendo completamente com a ideologia da retribuição (MARGUERAT, 2004, p. 125-138): “Porque a finalidade da Lei é Cristo para a justificação de todo o que crê.” (cf. Rm 10,4). O Evangelho é acontecimento de salvação para o judeu, primeiro, depois para o grego (Rm 1,16), ou seja, não contradiz a eleição divina do povo de Israel, mas também a reinterpreta libertando-o dos limites de etnocentrismo, a fim de que se abra aos gentios (cf. Rm 9-11).

A Igreja de Antioquia, enviando Paulo e Barnabé, foi responsável pela expansão missionária que exigia dos convertidos gentios, apenas, a fé em Jesus Cristo cumprimento da Escritura, sem necessidade, pelo menos parcialmente, de obedecer às Leis (cf. Gl 2,11-14). Aos convertidos gentios não era exigido o estatuto dos costumes judaicos, como a circuncisão e as leis alimentares. O espírito de liberdade e fraternidade, experimentado nessa comunidade, levou Paulo a trabalhar percorrendo a parte oriental do império, essencialmente Chipre, a Ásia Menor e a Grécia Continental. Em seu itinerário de viagem, buscava pontos de contato com a sinagoga e conterrâneos. Possuía conhecimento e afinidade étnica e religiosa com as comunidades judeu-helenistas. Mas não foi fácil; os judeus foram os que mais resistiram a essa

⁸ Aqui sigo de perto o autor.

integração. O espaço da ação dos missionários descrito nos Atos dos apóstolos, bem como os argumentos de Paulo, tanto no livro dos Atos, quanto em seu epistolário sobre a Lei e seus vínculos, pressupõe discussão no interior da comunidade em cada cidade (cf. At 13,45-20,36; 14,8-20; 17,1-9).

No desenvolvimento da teologia de Paulo, a sua experiência de Apóstolo e missionário foi um fator considerável. O destino universal e ecumênico do Evangelho⁹, que diz respeito de maneira igual - sem nenhuma discriminação, às duas metades da humanidade: judeus e gentios (pagãos) -, é o centro de sua mensagem. A evangelização tem, assim, um conteúdo muito mais amplo do que as chamadas fórmulas querigmáticas. O termo técnico da linguagem missionária que Paulo utiliza é evangelizar (*euaggelizomai*). O verbo no intransitivo é usado de modo absoluto, sem objeto. Ele significa “praticar a atividade de anunciar o *euaggélion* (cf. 1 Cor 1,17)” (PESCE, 1996, p. 47).

Paulo exprime, claramente, na Primeira Carta aos Coríntios, a base de sua missão apostólica: “Cristo não me enviou para batizar, mas para anunciar a Boa Nova” (1 Cor 1,17). Ele evangeliza porque é mandado por Cristo e a sua chamada não é um fato acidental que existe em adição ao advento de Cristo, mas, é parte integrante dele. O apóstolo considera a sua atividade missionária como parte integrante da ação de salvação de Deus em Cristo: “chamado a ser apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus” (1Cor 1,1^a; 2Cor 1,1; Gl 1,1). É Deus que ‘por’ Jesus Cristo dá graça e missão ao apóstolo (Rm 1,5; Gl 1,15s; 2Cor 5,18). Deus revela Jesus Cristo ao apóstolo, e, ao mesmo tempo, o envia a anunciar o mesmo Jesus Cristo (Gl 1,15-16). Por meio desta revelação e desta chamada a evangelizar, a ação de salvação de Deus em Cristo chega até ao homem (PESCE, 1996, p. 50). Evangelizar, portanto, não é uma escolha de Paulo. Ao contrário, é uma necessidade: “Ai de mim se não evangelizasse”. Sua missão consistia essencialmente em proclamar o Evangelho”. A fé vem da pregação, conforme experimentou na comunidade de Tessalônica (1Ts 2,13). O Evangelho por ele anunciado foi pregado não somente com palavras, mas

⁹ No uso do termo *ευαγγελιον* (Rm 1,16) que Paulo faz estava embutida a memória de Jesus como aquele que “anuncia a boa nova da paz (Is 52,7: *ευαγγελιζομενου*), aquele que foi enviado para trazer boa nova (*ευαγγελισσασται*) aos pobres (Is 61,1) e que, pelo menos às vezes, Paulo estava consciente disso (Rm 1,16).

com grande eficácia no Espírito Santo e com toda a convicção (1 Ts 1,5). Paulo, em Romanos 10,14-15 resume como ele entendeu o mandato missionário: “Mas como poderiam invocar aquele em quem não creram? E como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador? E como podem pregar se não foram enviados?”

Mas o novo não chega ao mundo como mera doutrina ou ideia, como um produto da mente, uma inspiração, ele se manifesta numa pessoa concreta - e essa pessoa é Jesus Cristo (LOHFINK, 2008, p. 234). Conseqüentemente, a missão de Paulo consistiu em imitar, repetir e renovar constantemente pelo espírito universal do Evangelho, em cada novo contexto cultural, a própria missão de Cristo (1Cor 11,1). Anunciou Jesus, que aceitou o fracasso de sua vida e missão, e que exatamente assim se autenticou como aquele que passou da morte para a vida de Deus, tornando-se para nós, a última palavra daquela autodoação de Deus (RAHNER, 1976, p. 79). Anunciou a fraternidade inaudita, coração do Evangelho, que se tornou possível do episódio da cruz de Cristo: “Nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.” (1Cor 1,23-24). Esforçava-se para transmitir a mensagem do Evangelho a todas as pessoas que encontrava independente de origem e condição social (1Cor 1,26; Gl 3,28) (COMBLIN, 1980, p. 12 e 21). A missão o fez servidor do Evangelho: “Se eu quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo” (Gl 1,10).

Paulo soube conciliar a obrigação de conservar a Tradição recebida (cf. 1Cor 11,23; 15,3) e a necessidade de criar e configurar o futuro da fé em Jesus. Formar comunidades cristãs dando-lhes a entender em que consiste a Boa Nova de Jesus, o Cristo, sem prescrições ou imperativos alheios à vida, mas fornecendo-lhes orientações que visavam formar uma consciência cristã que atingisse a vida real e permitisse viver certo pluralismo interno, foi fruto de sua criatividade (COMBLIN, 1993, p. 57-59). Ele também inovou na metodologia missionária pelo trabalho em equipe: nunca trabalhou sozinho. A missão não foi obra de uma pessoa só. Ele tinha colaboradores/as, companheiros/as, lideranças no lugar ao qual chegava (cf. 1Cor 1,1-2; 2Cor

1,1-2; Fl 1,1ss). Além disso, com coragem, assumiu orientações para o pensar e o agir cristão da comunidade levando-a a tomar decisões livres que eram fundamentais para a situação futura da Igreja (cf. 1 Ts 5,21; Fl 1,10^a).

As cartas: uma extensão da missão

A missão de Paulo caracteriza-se pela evangelização e formação de igrejas desde a Ásia menor até a Europa ocidental e sua constante preocupação por essas comunidades. Portanto, a sua missão não se limita à pregação, mas se estende ao acompanhamento e orientação destas recém-fundadas comunidades, podendo-se, pois, distinguir fundamentalmente duas fases de sua ação missionária (PESCE, 1996, p. 13)¹⁰: A primeira fase da pregação Paulo chamava-a “evangelizar” e a ela dedicava grande atenção: *“Pois para mim anunciar o Evangelho não é motivo de orgulho, é uma necessidade que se me impõe: ai de mim se eu não evangelizasse”* (1Cor 9,16). A evangelização consistia no anúncio da mensagem de Jesus e sua acolhida que era concluída com a fundação de uma Igreja. Para a autoconsciência da realidade apostólica de Paulo foi de particular importância o fato de ele reconhecer-se como fundador da comunidade (cf. Rm 15,20s). A segunda fase, portanto, que consistia na orientação das comunidades já fundadas, nasceu de sua preocupação para com elas. A necessidade de ausentar-se dessas comunidades recém fundadas e sua constante “preocupação” (*merimna*) pelas Igrejas por ele evangelizadas ainda em formação, levou-o a criar uma forma de se fazer presente a essas comunidades: a comunicação epistolar.

Segundo Mauro Pesce (1996, p. 15), a natureza e o objetivo das epístolas, são, portanto, diferentes do anúncio, da instrução primária e da fundação das comunidades. Seu objetivo é a orientação, ou talvez melhor, a supervisão do desenvolvimento da vida das comunidades. De onde se conclui que as Epístolas não são instrumentos de evangelização, mas de orientação de comunidades já fundadas, já evangelizadas.

¹⁰ Sigo, aqui, muitas das intuições deste autor.
Fronteiras, Recife, v. 3, n. 1, p. 93-118, jan./jun., 2020

As cartas de Paulo têm um caráter intensamente pessoal, o que torna, se não impossível, pelo menos insensato abstrair o que é dito da pessoa e da personalidade do autor (DUNN, 2003, p. 27). É impossível fugir da sua natureza de cartas, comunicações de autor conhecido para pessoas específicas em circunstâncias específicas. Um dos principais fascínios dessas cartas é, com efeito, seu caráter autorrevelador. A chave fundamental para compreender a natureza da mensagem, ou melhor, das mensagens contidas nas epístolas paulinas é a consciência de que elas não são fruto de uma reflexão e de uma atividade de um indivíduo dirigida a indivíduos, mas testemunho de uma função e de uma atividade oficial de um apóstolo dirigida a uma comunidade de crentes (somente a epístola a Filemon é dirigida a um particular, mas sempre enquanto tal a um membro de uma comunidade). Indivíduo e função tendem a fundir-se na atividade apostólica de Paulo, ao menos no nível da sua consciência e da tarefa que propõe a si mesmo: ele se define como apóstolo e como escravo de Jesus Cristo, expressão que bem evidencia a intenção de anular a própria independência pessoal identificando-se a si mesmo com a função a ele atribuída pelo Senhor ressuscitado (Rm 1,1; Gl 1,10; Fl 1,1; cf. 2 Cor 4,5) (PESCE, 1996, p. 10).

Poucas vezes uma pessoa se identificou de tal maneira com a sua obra. Que a personalidade de Paulo emerge preponderantemente no exercício da sua função de apóstolo, e talvez também resistindo a ela, é fato inegável, e de resto existe também uma peculiaridade do seu apostolado em comparação com os demais apóstolos (cf. Gl 2,8), mas ela só pode ser bem compreendida a partir de e em relação com a função apostólica que configura e determina a sua atividade. Sem uma clara ideia do que seja a atividade e a função apostólica é impossível compreender sua natureza e, portanto, sua própria mensagem (COMBLIN, 1980, p. 7).

As necessidades de sua missão obrigaram-no a levar em conta as exigências espirituais e intelectuais do mundo grego. Na teologia de Paulo há um elo entre o texto e o seu contexto histórico. As questões surgiam precisamente porque os crentes compartilhavam muitos dos valores conflitantes da Igreja e da sociedade. Paulo viu a necessidade de mudança na própria estrutura da experiência religiosa (cf. 1Cor 12). A insistência que

nasce com Paulo sobre a vida comunitária no cristianismo não foi casual. A proposta paulina de criar comunidades mistas, isto é, comunidades de discípulos iguais entre eles (cf. Gl 3,28), em uma sociedade urbana na qual todos são separados e inseridos em relações hierárquicas (ricos com ricos e pobres com pobres), permitia aos cidadãos reencontrarem uma forma ideal de democracia em uma comunidade despojada de estratificação social (MARGUERAT, 2004, p. 125-138). Na Primeira Carta aos Coríntios, tomamos conhecimento dos numerosos problemas de identidade postos à jovem comunidade. Dentre as questões mais estruturais estão as divisões na comunidade (1-4) e as experiências carismáticas (12-14).

O espírito grego, com sua elitizada individualidade, estava na origem do fenômeno das divisões na comunidade. Os quatro primeiros capítulos expõem as tensões entre grupos que levaram a cisões na comunidade, motivados por uma determinada compreensão do batismo. Os coríntios interpretavam a mensagem cristã de salvação segundo uma chave sapiencial, como conhecimento da revelação divina, uma filosofia religiosa de grau superior, onde somente alguns poderiam alcançá-las e que os demais cristãos eram considerados inferiores. Os membros de cada grupo atribuíam à palavra inspirada e à ação sacramental do batismo do respectivo chefe um valor salvífico, como se ele fosse uma espécie de mistagogo capaz de introduzir os iniciantes na realidade misteriosa do divino (1-4), alimentando, com isso, um culto à personalidade de cada pregador. Paulo, com uma pergunta retórica, remete unicamente ao fundamento da comunidade: Quem foi crucificado por vós? Cristo estaria dividido? (1,13). A unidade se funda no Batismo em nome de Jesus.

O contexto cultural era atraente e pesadamente condicionador para uma igreja muito viva, sensível ao sopro renovador do Espírito. Também a compreensão errônea dos dons do Espírito¹¹, os levou a uma identificação reducionista dos carismas¹² com os fenômenos numinosos, extáticos e

¹¹ Ao traduzir o hebraico *ruah* pelo grego *pneuma*, introduziram ideias teológicas judaicas nos conceitos pagãos de *pneuma*, e assim começou um processo pelo qual *pneuma* tornou-se predominantemente *pneuma theou* (o Espírito de Deus).

¹² O termo *χαρις* (*dom*) foi introduzido por Paulo. Ele é famoso por falar de Cristo com a linguagem do dom (Gl 1,4. 6; 1,15; 2,21; 1Cor 15,9-10; 2Cor 9,15; 12,9).

extraordinários (cf. 12,2). Experimentavam com entusiasmo fenômenos de êxtase, aconteciam manifestações de glossolalia que fazia ressoar na assembleia vozes incompreensíveis, havia discursos inspirados, fruto da iluminação divina. Essas experiências de inspiração πνευματικά¹³ muitas vezes provocadas, gozavam de um espaço privilegiado nas reuniões comunitárias, justamente no momento da palavra, que era estreitamente ligado com o momento ritual da ceia do Senhor (BARBAGLIO, 1989, p. 317). Paulo reagiu com muita lucidez a essa interpretação individualista do Espírito e de seus dons, apresentando uma concepção diametralmente oposta do Espírito, entendido em essencial relação com a Igreja e com o Senhor. Em vez de unir, o Espírito terminava por dividir porque essa interpretação era dissociada da realidade comunitária da Igreja (CARREZ, 1993, p. 56-57).

A metáfora do “corpo de Cristo” aparece neste contexto para comunicar a força de uma pertença comum a uma mesma realidade salvífica. Foi o recebimento do Espírito que constituiu cada um deles membros do “corpo de Cristo”. Daí a enérgica reconcentração de Paulo: é só o Espírito de Deus que inspira a confissão de fé “Senhor Jesus”, ligando inseparavelmente o Espírito, Deus e Cristo. Portanto, o critério comprovador é a confissão de Jesus como Senhor (12,3). De qualquer modo, não é a experiência carismática que exprime a perfeição da salvação, mas sim o *ágape* que é a verdadeira definição do cristão (13,1-13). A marca suprema da espiritualidade é o amor. Este constitui a via real a ser percorrida pelos fiéis.

A ética de viver entre dois mundos confere tendência diferente à parênese paulina. Um exemplo é a questão do comportamento sexual em 1Cor 5-6. Paulo se preocupa com a Igreja, com sua autenticidade de vida, que estava sendo comprometida “afastai o mau do meio de vós” (1Cor 5,13b), “Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo que está em vós e que recebestes de Deus? (6,19^a). À sua experiência apostólica deve se atribuir também as frequentes referências ao mundo helenístico encontradas no desenvolver de seus ensinamentos (1Cor 8,5; 10,20-21; 12,2; Gl 4,9-10).

¹³ πνευματικά era o termo técnico do mundo helenista, para indicar fenômenos religiosos e extáticos e deve-se traduzi-lo por dons espirituais em 1Cor 12,1; 14,1

A primeira carta aos Coríntios, por inteira, testemunha as sérias dificuldades que Paulo teve de enfrentar nas comunidades dessa cosmopolita cidade porque as divisões da sociedade refletiam-se nas referidas comunidades cristãs e como Paulo as encaminhou, consciente de que é preciso distinguir entre o elemento que permanece e aquele que muda (cf. 1Cor 1-4)¹⁴. O apóstolo valorizou a segurança oferecida da vida comunitária diante de uma sociedade que continua a dividir, a separar, a criar hierarquias. Paulo viu que estava em jogo a unidade da Igreja e a unidade a ser buscada só tinha um caminho: “Cristo Jesus que se tornou para nós, por sua cruz, sabedoria proveniente de Deus, justiça, santificação e redenção” (1Cor 1,30). Ensinou que não se pode confundir a mensagem da Palavra da vida com a cultura, “a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo” (1Cor 1,17).

As cartas de Paulo lançaram um fundamento da teologia cristã que nunca teve rival nem substituto. Elas foram evidentemente valorizadas pelas igrejas às quais foram dirigidas, estimadas como escritos de valor contínuo para a instrução da fé cristã, o culto e a vida cotidiana e circularam para outras igrejas num círculo de autoridade cada vez mais largo até ser reconhecido seu status canônico (representando uma norma de fé e de vida) (DUNN, 2003, p. 26). Só pelas cartas de Paulo podemos ter plena confiança de que estamos em contato com a primeira geração do cristianismo e a primeira teologização cristã como tal. Paulo foi o primeiro, e o maior, teólogo cristão. Além disso, Paulo foi "primeiro" no sentido de ser preeminente entre teólogos cristãos pertencendo àquela geração que foi mais criativa e mais definitiva para a formação e a teologia do cristianismo do que qualquer outra desde então (DUNN, 2003, p. 26). Também estas cartas ajudaram a formar uma consciência da totalidade da ação salvadora da morte e ressurreição de Jesus Cristo que, por meio da Igreja, chegava a todos os povos.

A estratégia da missão na Cidade

Uma das estratégias da missão paulina era proclamar a Boa Nova

¹⁴ Por ser uma cidade duplamente portuária Corinto era o centro da atividade comercial do Mediterrâneo, e, mais de um terço de sua população era de escravos.

somente em grandes cidades, pois não se pode deixar de reconhecer a importância das cidades na definição do contato. A cidade é um todo dinâmico, articulado, processual, com uma lógica própria (LIBANIO, 2001, p. 15). Escolheu, para iniciar sua missão, centros urbanos estratégicos do império: Filipo, Tessalônica, Corinto, Éfeso, que eram cidades por onde passavam as grandes rotas comerciais da época e fontes de irradiação das novidades. Paulo procurou penetrar no tecido da cidade assumindo o modo de sentir e pensar de seus cidadãos. Investiu na sua missão as capacidades com as quais o forneceram a educação e o conhecimento do ambiente da cidade (MARGUERAT, 2004, p. 125-138). Para ele a cidade é o coração onde pulsam as esperanças e as angústias dos homens. É o lugar das buscas por conhecimentos e melhorias de vida.

Havia grandes distâncias entre as dinâmicas das cidades da Judeia, que viviam em torno da cidade de Jerusalém com seu Templo, estruturada como a cidade santa onde “o povo de Deus”, regido por sua Lei, se reunia para honrá-lo e celebrá-lo, e a liberdade das cidades gregas nas quais o individualismo influenciava as concepções que sustentavam a cidade (GLOTZ, 1980, p. 243-254). O indivíduo era um cidadão com direitos e deveres. Deve-se a Paulo o fato de ter a audácia de anunciar o Evangelho no mundo urbano sem impor um modelo já pronto, partindo da abolição da lei e do advento da idade do discernimento (COMBLIN, 1993, p. 79). Diante dos problemas novos que surgiam em suas comunidades, Paulo permitia-lhes que criassem um modo de ser cristãos original, espontâneo e autêntico que lhes permitisse expressar-se sinceramente na Igreja cristã e não, forçados e constrangidos. Confiou no Espírito Santo que orienta todos os batizados (COMBLIN, 1993, p. 79).

Em seus escritos subjaz uma teologia refletida e responsável, em uma confrontação com o ambiente (cf. 1 Cor 8,1-6 e 8,7-13). Nesse contexto, a fé se sente questionada, mas também questiona. Assumiu e conclamava a todos a viver a cidadania como um dado vital e o Evangelho como critério da ação (cf. Fl 1,27; 4,8). Esse foi o pressuposto básico que lhe permitiu formular a mensagem evangélica para dentro do mundo urbano e divulgá-la ali com sentido (COMBLIN, 2002, p. 20). A partir destes centros, os próprios grupos comunitários difundiam o Evangelho pelos arredores (Cf. 1Ts 1,8).

Paulo deixou claro que não se evangeliza sem o prévio conhecimento da origem das várias maneiras de pensar o mundo do outro por meio de experiências vivenciais. Isto é, do modo como a realidade do outro é percebida, saber dar passos de acordo com as situações concretas. Procurou munir-se das várias cosmovisões do mundo grego romano a fim de captar suas estruturas essenciais e estabelecer as suas relações, sem sobrepor algo de elaborado de forma puramente mental. Investigou o conhecimento da própria originalidade do pensamento com o qual desejava dialogar em suas experiências vivenciais. O primeiro passo foi acercar-se dos ambientes com os quais tinha alguma coisa em comum. A sabedoria que os gregos chamavam a “paideia”, a educação, era o apanágio da cultura grega. Por ela os homens livres, os proprietários, atingiam o topo da pirâmide social. A sociedade era nitidamente dividida em estratos superiores e inferiores (cf. 1Cor 11,17-22).

Qualquer atividade na Grécia antiga que não fosse política não era considerada, pois, segundo a afirmação de Aristóteles, “nenhum homem que tenha de trabalhar para seu sustento pode ser um cidadão” (ARENDR, 2007, p. 75, nota 67). A sociedade grega costumava dividir o ser humano em duas categorias: *O animal laborens e o Homo faber*. O primeiro é o operário condenado a uma sufocante rotina que o torna uma espécie de burro de carga completamente amoral. Alguém que, na companhia de outros semelhantes, ajuda a erguer uma ponte. Em contrapartida, o segundo é aquele que discute o fazer, filosofa o motivo dos homens para construir pontes e a necessidade desse tipo de integração inerente ao ser humano. Portanto, existem duas categorias de humanos: o que trabalha com a mão e o que trabalha com a cabeça (ARENDR, 2007, p. 96-99). A produção manual é ocupação para pessoas pouco escolarizadas, que recebem a alcunha de trabalhadores braçais. Donde se conclui que o conceito do trabalho humano estava diretamente vinculado ao conceito de Sabedoria. Essas duas estruturas sociais obrigam as pessoas a andar segundo seu ritmo.

Em cada cidade, Paulo trabalhou com as próprias mãos inserindo-se no mundo do trabalho profissional artesão¹⁵ (1Ts 2,9; 4,11; 1Cor 4,16; 9,15. 18).

¹⁵ Há, dentre várias pessoas citadas em suas cartas, algumas que eram suas conhecidas por afinidades com o trabalho de tecelagem com o cilício, originado da cidade de Tarso. Daí, a Fronteiras, Recife, v. 3, n. 1, p. 93-118, jan./jun., 2020

Visto na cultura grega como algo totalmente sem valor, a opção de Paulo pelo trabalho manual, foi fundamental para que ele entendesse as divisões da sociedade e tivesse uma maior consciência de que a nova comunidade na qual todos pudessem se integrar deveria ser construída sobre fundamentos diferentes (COMBLIN, 1993, p. 111). Nas Igrejas paulinas, havia alguns - provavelmente provenientes do estrato superior da sociedade - que desejavam continuar mantendo ligações com a vida culturalmente diversa da cidade (1Cor 10,11. 23-24).

Outro exemplo é a questão das carnes sacrificadas aos ídolos (1Cor 8; 10) que Paulo esclarece em forma de princípios éticos: O comportamento do fiel não deve fundamentar-se nem sobre mandamentos nem sobre proibições: a consciência vence a lei. Contudo, não é conveniente fazer da consciência um novo absoluto, minha própria consciência deve levar em conta a consciência do outro. A liberdade, segundo Paulo, encontra seu limite no reconhecimento da pessoa e da consciência do outro. O julgamento moral exige discernimento. A moral paulina se centra na liberdade da vida nova que o convertido deve ter a partir do momento em que essa foi transmitida pelo Espírito Santo no batismo. Sua teologia moral é sempre situada em um contexto (COMBLIN, 1993, p. 77-78). Uma ética cristã exigente implica aceitar não fazer uso de todos os direitos se uma razão superior exige renunciar a eles, sem jamais negligenciar as exigências da justiça; às vezes, esta deve ser superada pelas exigências da caridade (FRANÇOIS VOUGA, 2009, p. 253).

Além dos sérios problemas que surgiram nas comunidades, especialmente na de Corinto, que resistiam a uma integração social (cf. 1Cor 1-4; 11,17-33), Paulo, também, sofreu inúmeros preconceitos, inclusive, o de não ser considerado apóstolo porque se autossustentava (cf. 1Cor 4,12; 9, 1-27; 2Cor 11,7). Mesmo assim nunca dissociou o anúncio do Evangelho da vida prática. Não separou a vida de missionário da vida do trabalho e da sociedade. Como ele poderia dizer que o batismo nos igualava, nos fazia uma unidade em Cristo (Gl 3,28), se ele assumisse a mentalidade elitista da cultura cidadina grega? As experiências vivenciais do mundo do trabalho, dos esportes e das

região ser chamada de Cilícia; isto é, produtora dos fios cilícios originados de um tipo de cabras das montanhas do Taurus.

religiões fizeram-no dizer: “Para os Judeus, fiz-me como judeu, a fim de ganhar os judeus. ... Para os que vivem sem a Lei - ainda que não viva sem a Lei de Deus, pois estou sob a Lei de Cristo -, para ganhar os que vivem sem a Lei [...]. Tornei-me tudo para todos a fim de salvar alguns a todo custo. E, tudo isto, eu o faço por causa do Evangelho, para dele me tornar participante” (1Cor 9,20-23). É evidente a sua contínua atenção à complexidade das relações humanas no mundo urbano. Sempre valorizou o relacionamento pessoal com os membros das comunidades aos quais manifestava seus sentimentos, sua afetividade, suas queixas e sua familiaridade (cf. 1Ts 2,7-12; 1Cor 4,14-15; 2Cor 11,1-2).

O contato cada vez mais frequente de Paulo com outras expressões culturais deu-lhe uma compreensão dos fenômenos culturais quer contemporâneos, quer passados, além de desenvolver o espírito crítico que o caracterizava. Comblin (1980, p. 52), lembra que Paulo não questiona a cidade como tal, mas o cristão como lugar de concretização da mensagem evangélica. Não foi o Evangelho que acolheu o meio urbano, mas o meio urbano que acolheu o Evangelho. Esta acolhida não foi pacífica, nem unânime: (cf. Rm 12,2: Não entrar no esquema desta época). A fé em Cristo fere-nos com a sua novidade que inquieta, incomoda, interpela (LIBANIO, 2001, p. 108). Essa interpelação é o serviço. E o serviço é o amor ao próximo. A salvação cristã procede de um ato de amor do homem ao homem, do outro a outrem. Para Paulo o único exemplo desse amor foi mostrado por Cristo, na cruz, ao assumir sobre si o mal e a culpa dos homens. O amor cristão é o amor por excelência (1Cor 13). O cristão deve imitar o Cristo (BELLO, 1998, p. 103): “pois a caridade de Cristo nos compele” ... (2Cor 5,14-15). A maneira como as primeiras comunidades cristãs procuraram manter sua unidade reflete padrões de integração social da estrutura da cidade sob o império (HEYER, 2008, p. 96-97). A sua Teologia é ato reflexo, realizado depois das experiências e a partir das situações vivenciadas por ele e que deve representar o que nelas ele viveu.

Apesar da inculturação helenista no Oriente desde Alexandre Magno, a pregação de Paulo encontrou muita resistência tanto por parte do judaísmo, como por parte dos não judeus, provocando reações violentas, de ambos os

lados, contra sua pessoa. Ele muito cedo percebeu que a divisão não era apenas de natureza étnica, mas cultural-religiosa. Nem sempre o insucesso da missão é consequência da diversidade, pois o próprio Jesus encontrou resistências dentro de seu universo cultural e religioso. Há a resistência à mensagem: “Os seus não o receberam” (Jo 1,11; cf. Lc 11,32). De tal forma que a missão não foi simplesmente em nível geográfico, mas profundamente marcada pela identidade mesma da nova mensagem. Em Atenas, cidade que se entretinha em buscar dizer ou ouvir coisas novas - as últimas novidades -, Paulo, ao proclamar a Boa Nova do Senhor Jesus, viveu amargamente a experiência de ver sua mensagem rejeitada, porque a acharam muito estranha aos seus ouvidos (cf. At 17,21). Mas ele não desistiu das cidades nem da missão.

A missão faz a Igreja

Paulo queria apresentar as pequenas assembleias dos crentes cristãos igualmente como manifestações da “Assembleia de *YHWH*” e, em continuação direta com ela, a eleição do ‘Novo Povo de Deus’. Deus está na origem desse feliz encontro entre pregação missionária e aceitação da fé: realidade de encontro e comunhão: nós-vocês (cristãos x missionários) (DUNN, 2003, p. 609). Experimentou que isso aconteceu em Tessalônica, na qual nasceu uma comunidade cristã viva e autêntica (*adelfoi* irmãos 14x). O evangelho oferecido a todos os que creem, reunia em Igreja, o povo para escutá-lo (DUNN, 2003, p. 606)¹⁶. Paulo, desde sua primeira fase, via “a igreja de Deus” expandindo-se para inserir as outras nações na sua assembleia: “Vós sois amados por Deus, eleitos de Deus” (cf. 1Ts 1,4).

Foi tarefa de Paulo criar um conceito fundamental de Igreja no qual a fé fosse vivida em comunidade. Uma pessoa sozinha não pode chegar à compreensão suficiente do que é ser seguidor de Jesus. A expressão “a (s) igreja (s) de Deus era demasiado evocativa e plena de sentido para o uso

¹⁶ Mas a citação de Gl 3,28 confunde as categorias: teológica e sociológica. Mas esta é uma afirmação teológica.

deliberado de Paulo (LOHFINK, 2008, p. 96)¹⁷. Servia melhor aos objetivos de Paulo: a) a continuidade com a “assembleia de IHWH”, sem deixar confusão sobre quem seria o “Senhor” ao falar da assembleia do ‘Senhor’; b) o uso do termo não apresentava polêmica com a sinagoga e era aceito pelos ouvintes e destinatários das cartas suficientemente versados na LXX. Talvez o termo reflita a etimologia do termo *ekkaleo* (chamar de); portanto, a igreja era os “chamados de” “aqueles que amam a Deus”, “os eleitos de Deus”. O vínculo unificante é o Evangelho, ou seja, o anúncio de que em Jesus morto e ressuscitado Deus doa-se aos homens, chamando-os a uma vida de confiança, amor e esperança. A característica que a define é teológica: o universalismo cristão.

O conceito de reunião do povo de Deus possui um conteúdo essencial que é muito antigo: É sempre Deus que reúne o seu povo. Não se trata de uma reunião externa, mas que ela significa que Deus mora, também, entre as nações. “Eu mesmo reunirei o resto de minhas ovelhas de todas as trevas” (cf. Jr 23,3; Is 40,11; 43,5; Ez 11,17; 34,13; Zc 10,10). Na maioria das vezes, a imagem que aparece no fundo é a do pastor que reúne seu rebanho e o leva para casa.

Em Israel não estão apenas as raízes da Igreja - ela mesma faz parte de Israel (LOHFINK, 2008, p. 96). Paulo entendeu que o ato de Deus reunir em Igreja (*Ekklesia*) o povo que aderiu à fé em Jesus produziu a reconciliação com estas nações. Em 2Cor 4,6 Paulo escreve: “Porquanto Deus, que disse: *Do meio das trevas brilhe a luz!* foi ele mesmo quem reluziu em nossos corações para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo”. A Igreja é, para Paulo, a expressão mais concreta da reconciliação de Deus com todas as nações: “Se alguém está em Cristo, é nova criatura.

¹⁷ Paulo não tinha problemas em conceber a “assembleia de Deus” manifestada em muitos lugares diferentes ao mesmo tempo: As igrejas (de Deus) da Judeia, na Galácia, na Ásia ou na Macedônia. Toda reunião de batizados em nome do Senhor Jesus era a “assembleia de Deus” naquele lugar. A Igreja de Deus (1Cor 1,1; 10,32; 11,22; 15,9; 2Cor 1,1; Gl 1,13; As igrejas de Deus: 1Cor 11,16; 1Ts 2,14; 2Ts 1,4; “a igreja em Deus”: 1Ts 1,1; 2Ts 1,1. Paulo também falava da “Igreja na casa de (alguém) Priscila e Áquila, Nínia, Filemon. As igrejas domésticas: onde quer que os crentes se reunissem em “assembleia” era a “igreja de Deus”. Reunidos como igreja, não como indivíduos isolados. Era só como uma reunião, para o culto e apoio mútuo, que podiam funcionar como a “assembleia de Deus”. O termo *ἐκκλησία* só aparece mais tarde com referência mais universal (cf. Cl 1,18 e 24 e Ef 1,22; 3,10. 21; 5,23-25. 27. 29. 32).

Tudo isto vem de Deus que nos reconciliou consigo por Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação (2 Cor 5,17^a.18).

Que a identidade cristã é corporativa se afirma também na cristologia paulina do “O Corpo de Cristo”, ou seja, o Corpo do crucificado (cf. 1Cor 12). O primeiro tema mais extenso que Paulo aborda em Rm 12 é o da comunidade cristã como “um só Corpo em Cristo”. A imagem é especificamente a de um “Corpo” definido pela sua relação com Cristo. “Todos nós somos um só corpo em Cristo” (Rm 12,5). Esta é de fato a imagem teológica dominante na eclesiologia paulina (cf. Rm 12; 1Cor 10 e 12)¹⁸. “O Pão que partimos é participação no corpo de Cristo” (1 Cor 10,16); “Como o corpo é um e tem muitos membros... assim também é o Cristo” (1 Cor 12,12); “Vós sois o corpo de Cristo e individualmente membros” (1 Cor 12,27). “Todos nós somos um só corpo em Cristo” (Rm 12,5). Um dos aspectos mais notáveis da maneira de Paulo entender o Corpo de Cristo é que cada uma das passagens das cartas onde o conceito é exposto considera-o como uma comunidade carismática¹⁹ (Rm 12,4-8; 1Cor 12,4-27). Enxertados na corporeidade de Cristo, o batizado perde a existência criativamente individual e a personalidade natural. Doravante, ele é apenas uma forma de manifestação da personalidade de Jesus Cristo, que domina esta corporeidade. O recebimento do Espírito estava no coração da espiritualidade de Paulo; ter o Espírito era o que tornava alguém espiritual. O Espírito é o “Sinal”, o começo do processo de salvação (BARBAGLIO, 1989, p. 322).

¹⁸ A imagem deve derivar do uso sacramental indicado em 1Cor 10 e 11, portanto da tradição eucarística. Mas a ideia central seria “um pão, um só corpo”. Porém a imagem de corpo mais elaborada de 1Cor 12, como também Rm 12 e Ef 4 parece ter em vista as relações interativas da comunidade de culto em geral, e não simplesmente uma comunidade focalizada no sacramento. O caráter de corpo atribuído à comunidade: O corpo como expressão vital da unidade da comunidade, apesar da diversidade de seus membros (a mútua interdependência dos seus diferentes membros). A assembleia cristã é um corpo, mas é diferente precisamente porque seu caráter distintivo e identificador é o corpo de Cristo. E sua prosperidade depende de sua mútua cooperação e de seu trabalho harmonioso em conjunto. Todavia, o que dá identidade à assembleia cristã como “corpo” não é a localização geográfica ou lealdade política, mas sua lealdade comum a Cristo visivelmente expressa em especial pelo batismo e pela participação sacramental no seu corpo. Cf. BARBAGLIO, G., *As cartas de Paulo*, São Paulo: Loyola, v.1, 1989, p. 314.

¹⁹ Carisma é o resultado de ato gracioso de Deus; é a graça divina concretizada e expressa em palavra ou ação. Carisma é função do membro do corpo. O carisma é a contribuição que o membro individual dá ao todo, sua função no corpo como um todo. O corpo funciona carismaticamente.

Com certeza, os problemas encontrados por Paulo na fundação das comunidades deram-lhe uma consciência gradual do sentido da Igreja (um sentido universal e transcendente). O termo mais frequente por ele usado para conceituar a identidade corporativa dos que se reúnem em nome de Cristo é “igreja” (62 vezes é mais comum em 1Cor)²⁰ e convém ao cristão-judeu e ao cristão-gentio. O papel de Paulo na construção da eclesiologia cristã foi crucial (RICHES, 1995, p. 47).

Considerações finais

A questão central deste artigo consistiu em mostrar como Paulo, o Apóstolo, percebeu que o Espírito (At 13,1-4), após o advento de Jesus Cristo que dera novo rumo à história, o levava a um novo passo, para fora das fronteiras, ao encontro do mundo. Essa nova missão, permitiu que a Palavra de Deus saísse dos estreitos limites do povo de Israel e se dirigisse a homens novos com o projeto de que esses homens novos formassem comunidades novas. Percebendo que a missão é histórica, a ação concreta do missionário não podia ser repetição do modelo recebido, pois devia considerar as realidades concretas da existência como uma dimensão básica da ação missionária. Vista, por essa perspectiva, pode-se afirmar que ao considerar o contexto em que suas comunidades existiam, e sobre os problemas derivados dele e associados com ele, a sua pedagogia tornou-se um dos fatores que fez com que o Evangelho de Jesus fosse acolhido como uma resposta à aspiração mais profunda das criaturas humanas, expressa dentro de suas culturas e dos desafios de suas vidas.

A teologia de Paulo é uma hermenêutica do Evangelho, Palavra viva para situações diversas, históricas e retóricas, nas quais ele comunica como um teólogo, sempre pronto a fazer teologia, ou seja, interpretar o Evangelho de modo criativo sem deixar de considerar o ponto de impacto da mensagem em seus ouvintes. O apóstolo, conforme Romano Penna (2011, p. 22), não

²⁰ Mas é provável que Paulo tenha sido influenciado pelo uso contemporâneo de *ἐκκλησία* para uma assembleia popular com direito a voto. Cf. GLOTZ, G., *A cidade grega*, São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980, p. 144.

aborda de modo estereotipado as questões postas por suas comunidades. Ao contrário, ele procura formular o Evangelho em expressões novas, deixando-se impregnar pela situação eclesial que encontra sempre posta em relação com as forças sociais da época (COMBLIN, 1980, p. ?). Podemos percebê-la examinando a estrutura típica de suas cartas, com sua combinação de argumentação teológica e parênese. A realização daquilo em que acreditava na vida cotidiana e nas reuniões de suas igrejas era fundamental para a visão que ele tinha do Evangelho. A sua teologia era uma teologia aberta, aberta a novos problemas e a novas hermenêuticas do Evangelho; não estava restrita à doutrina, pois para ele, o discurso sobre Deus e tudo que dele decorre, inclui a interação entre fé e prática.

É esse reconhecimento do seu enraizamento em todas as relações sociais muito reais da época e seu relacionamento com elas que ajuda a mostrar o caráter cristológico vivo da teologia de Paulo. Ele não comunicou verdades gerais, que poderiam ser transmitidas sem vínculo com a situação dos ouvintes, mas tocou os homens em meio às suas atividades. Suas preocupações foram transmitidas em meio a uma linguagem conhecida por eles, e suas perguntas respondidas em palavras familiares (PENNA, 2011, p. 22). O mundo do trabalho foi um campo fértil em sua missão. O problema do trabalho humano é a chave essencial de toda questão social nos lembra o Papa João Paulo II na *Laborem Exercens*. A complexidade do mundo do trabalho é tal que atinge o trabalhador em todas as dimensões de sua vida e constituem as condições de sua existência. Neste ambiente, Paulo também inovou, fazendo-se, ele próprio trabalhador. Esta sua decisão foi muito mal interpretada e rendeu-lhe muitas contrariedades, mas nunca se afastou de seu propósito de se sustentar com o trabalho de suas próprias mãos.

É de Paulo o mérito de ter visto que o cristianismo não poderia sobreviver se permanecesse vinculado à Lei judaica. O desafio foi lançado por ele e ele foi ao âmago da questão. Paulo colocou esse antagonismo de modo muito claro: ou o caminho da lei, ou o caminho da assimilação à cruz de Cristo (COMBLIN, 1980, p. 109). A Lei era o mais importante no sistema judaico, por isso ele tinha que oferecer alguma coisa para substituir a Lei, com sua doutrina de “justificação pela fé”, que ele encontrou, tanto no Antigo

Testamento (Is 51,6) quanto nas palavras de Jesus (Lc 18, 9-14). O Evangelho é o lugar de uma revelação que tem por objetivo a justiça de Deus: em outras palavras - está ligado ao acontecimento escatológico - antecipado na história - da justiça de Deus. Paulo afasta toda possibilidade para o crente de construir o próprio mérito diante de Deus. A justiça de Deus é diferente: é uma justiça de perdão e de misericórdia, uma justiça fundada na gratuidade do amor e não no valor das obras da lei (COMBLIN, 1993, p. 89).

A superação da particularidade da Lei judaica pelo espírito universal do Evangelho definiu o cristianismo como religião do espírito. A substituição do exterior pelo interior. Na Epístola aos Gálatas, Paulo expõe o grau da polarização entre o judaísmo com seu elemento de particularidade e o Evangelho que liberta. “Pois, em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas apenas a fé agindo pela caridade” (Gl 5,6). Conforme Riches, o lado positivo da polêmica é a visão paulina da comunidade cristã de Gl 3,28 de que “todos os que foram batizados em Cristo entram de uma vez, por um mesmo ato, numa nova comunidade, na qual todas as causas de divisão entre homem e homem, encontradas fora nas situações da vida, são eliminadas de uma vez por todas, de forma que já não há mais diferença entre judeu e grego, entre circuncisão e incircuncisão, mas todos podem considerar-se filhos de Abraão” (RICHES, 1995, p. 48).

Hoje temos que considerar a transformação que as epístolas de Paulo sofreram após serem inseridas no Cânon neotestamentário. Mas o Evangelho de Paulo não se especifica, apenas, pela sua origem, e sim também pelos seus destinatários. Os destinatários originais liam as epístolas à luz do querigma oral que tinham recebido da boca do apóstolo, os crentes da Igreja leem-nas no contexto dos demais escritos do Novo Testamento e à luz do sistema religioso de seu próprio tempo.

Pelo *Corpus Paulinum* pode-se perceber o processo gradual do cristianismo desde Jesus, passando por Paulo, até o surgimento da Igreja primitiva. De qualquer modo, como diz Comblin, Paulo passou, de maneira bem lúcida, do mundo cultural judeu-helenista para o mundo cultural helenista-pagão. É voz plural a afirmação de que Paulo de Tarso, por ser um homem cidadão inserido na cultura de seu tempo, capaz de sintonizar-se com

o horizonte intelectual do respectivo interlocutor, foi o único até agora, na história do cristianismo, que conseguiu realizar a passagem do cristianismo de uma cultura para outra: da cultura dos judeus para a cultura dos gregos-romanos.

Referências

- ARENDDT, Hanna. *A Condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 10ª ed., 2007.
- BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo*. São Paulo: Loyola, v.1, 1989.
- BELLO, Angela. *Culturas e religiões*. São Paulo: EDUSC, 1998.
- CARREZ, Maurice, *A primeira epístola aos Coríntios*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- COMBLIN, Joseph. *Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- COMBLIN, Joseph. *Teologia da missão*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- COMBLIN, Joseph. *O desafio da cidade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2002.
- COMBLIN, Joseph. *Evangelizar*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. São Paulo: Paulinas, 13ª edição, 2003.
- PENNA, Romano. São Paulo, pastor e pensador: uma teologia implantada na vida. In: DETTWITER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel (orgs). *Paulo, uma teologia em construção*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 385-412.
- DUNN, James. *A Teologia de Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- MIRANDA, Mário de França. *Inculturação da Fé*. São Paulo: Loyola, 2001.
- GLOTZ, Gustave. *A cidade grega*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.
- HEYER, Cees. J. Den. *Paulo, um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus, 2008.
- LIBANIO, João Batista. *As Lógicas da cidade*. São Paulo: Loyola, 2001.

LIBANIO, João Batista. *A Evangelização no mundo de hoje*. Introdução e notas ao documento. São Paulo: Loyola, 1979.

LOHFINK, Gerhard. *Deus precisa da Igreja?* São Paulo: Loyola, 2008.

MARGUERAT, Daniel. *Novo Testamento, história, escritura e teologia. La Città - Parola Spirito e Vita - quaderni di lettura bíblica. Semestrare - n. 2 luglio-dicembre 2004*, p. 125-138.

NORTHROP, Frye. *O Código dos Códigos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

PESCE, Mauro. *As duas fases da pregação de Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996.

RAHNER, Karl. *Estruturas em mudança*. Petrópolis: Vozes, 1976.

RICHES, John K. Nem Judeu nem grego: o desafio de construir uma comunidade religiosa multicultural. *Concilium*, 257, n. 1, p. 47-57, 1995.

SCHNELLE, Udo. *Paulo vida e pensamento*. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2010.

VOUGA, François. A Primeira Epístola aos Coríntios. In: MARGUERAT, Daniel (org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 233-257.

Trabalho submetido em 08/04/2020.

Aceito em 11/05/2020.

Tânia Couto Maia

Doutora e mestra em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Bacharel em Teologia pelo Instituto Teológico-Pastoral do Ceará. Atualmente é professora na área de bíblia da Faculdade Católica de Fortaleza e professora da Escola de Pastoral Catequética, lecionando as seguintes disciplinas: O Povo de Deus e a revelação; Bíblia e Catequese; A mulher na Bíblia; A História de Israel; Bíblia e sacramentos. Atua principalmente nos seguintes temas: catequese, bíblia, pão da vida, mulher e eucaristia. Email: taniamariacouto@gmail.com